

Entrevista com o professor Marcos Frederico Krüger

Professor da Universidade do Estado do Amazonas, atuando na Graduação em Letras, bem como no Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras e Artes. Possui mestrado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, estudos literários, literatura regional, poesia e literatura brasileira. Publicou diversos livros, dentre os quais podemos destacar: *Amazônia: Mito e Literatura, A Sensibilidade dos Punhais, Trilhas da Literatura Amazonense*.

RD – Sabemos que o senhor vem dedicando, há algum tempo, especial atenção à produção literária local. Fale-nos um pouco sobre como tem sido a sua relação com a literatura local e o que lhe fez interessar-se por essa literatura.

Marcos Frederico – Meu interesse vem de longa data e começou quando fui fazer o Mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ali, de acordo com a política da instituição, os estudantes que eram dos estados periféricos – como é o caso do Amazonas – tinham de estudar a literatura de seu estado de origem. Isso fazia parte de um projeto da UFRJ de mapear a literatura de todo o Brasil. Esse projeto foi parcialmente realizado e a ele dei minha contribuição, pois, pelas mãos do poeta e crítico Gilberto Mendonça Teles, meu orientador, produzi a dissertação intitulada “Introdução à poesia no Amazonas”. Tem esse título por que a pesquisa foi feita apenas em livros. Faltou o exame dos jornais, onde certamente há muito material inédito.

RD – Há uma pergunta que vem sendo repetida insistentemente nos meios acadêmicos e gostaríamos de fazê-la para o senhor: existe uma literatura amazonense ou amazônica? Qual a sua visão a respeito dessa questão?

Marcos Frederico – Não existe literatura amazonense nem amazônica. Existe, sim, uma literatura NO Amazonas e uma literatura NA Amazônia. A literatura é um fenômeno universal, que se realiza com peculiaridades em diversos países e regiões do mundo.

RD – Na sua opinião, qual foi o significado histórico do Clube da Madrugada, e qual o seu legado para as gerações posteriores?

Marcos Frederico – O Clube da Madrugada é um fenômeno típico de província: escritores que se sentem marginalizados agrupam-se com forma de se protegerem uns aos outros. Isso não significa que não tenha tido importância cultural. Muito pelo contrário, esse clube faz parte de nossa história. Quanto ao legado, basta ler os livros deixados pelos seus integrantes que se terá a resposta.

RD – No âmbito do Clube da Madrugada, quais são, no seu modo de ver, as obras mais representativas? Que autores merecem destaque?

Marcos Frederico – É constrangedor responder a essa pergunta, em virtude de esquecimentos inevitáveis. No entanto, todos sabem de minha predileção por Luiz Bacellar. Considero a “Fruta de barro” uma obra-prima que deveria estar no cânone da literatura brasileira. “Sol de Feira” é também admirável. E lembrei-me agora de “Lunamarga”, de Alencar e Silva, outro livro perfeito. Mas há também Elson Farias, Max Carphentier, Jorge Tufic. E ainda Astrid Cabral, admirável como poeta e como contista. Na prosa, Benjamin Sanches, Carlos Gomes, Erasmo Linhares, Arthur Engrácio.

RD – O que seria necessário fazer para que os estudantes da educação básica, assim como a população em geral, conhecessem melhor as obras dos escritores locais?

Marcos Frederico – Não sei responder a essa pergunta. Será que é possível fazer alguma coisa a esse respeito, num mundo tão vertiginosamente tecnológico? Hoje em dia quase podemos ter todos os livros à nossa disposição, nas chamadas bibliotecas virtuais; no entanto, paradoxalmente, pouco se lê, devido aos apelos de outras mídias. Sou muito pessimista em relação à sobrevivência dos livros.

RD – Como o senhor analisa o panorama atual da literatura no Amazonas?

Marcos Frederico – Também não sei responder com precisão. Acompanho muito pouco a produção atual, seja a do Amazonas, seja a do Brasil. Dedico-me mais aos “clássicos”, digamos assim. Mas se fizerem questão de alguns nomes, temos a Vera do Val, que produziu o admirável “Histórias do Rio Negro”. E ainda o João Pinto, também muito competente no conto. E o outro Pinto, o Zemaria, atuante em vários

gêneros. Na poesia, Simão Pessoa, Cláudio Fonseca e Efraim Amazonas. E não podemos esquecer Tenório Telles, por ter editado livros e mais livros e pelo que escreve com grande entusiasmo.